**Uma história da escola Orlando Quagliato: um olhar para a educação rural paulista dos últimos 50 anos**

Reinaldo Donizete de Oliveira[[1]](#footnote-1)

GD n° 5– História da Matemática/ Educação Matemática

O referido trabalho tem o objetivo de, ao escrever uma história de uma escola rural do Estado de São Paulo, tecer compreensões sobre a educação rural neste Estado nas cercanias dos últimos 50 anos. A escola que focaremos é uma dentre as poucas escolas rurais ainda existentes no Estado: trata-se da Escola Estadual Orlando Quagliato, fundada em 1965 como grupo escolar, dentro de uma usina de cana de açúcar em uma fazenda no município de Ourinhos-SP. Para tanto, mobilizaremos a metodologia da História Oral para a constituição de narrativas a partir de entrevistas com professores, alunos, funcionários, gestores e pessoas da comunidade envolvidas com essa escola e também, consultaremos e estudaremos documentos relativos a essa escola e que estão arquivadas e disponíveis tanto na Diretoria de Ensino, quanto na própria escola. Justificamos essa pesquisa no campo da História Educação Matemática por ser um espaço no qual professores de Matemática também atuam.

**Palavras-chave**: História Oral; Educação Matemática; Escola Rural.

**Introdução**

Iniciei minha profissão como docente por volta dos trinta anos de idade, já com várias experiências em outros campos: fui funileiro, monitor escolar, policial militar, e por fim, professor de educação básica. Fui aluno de escola pública na maior parte de minha escolarização básica. Cursei Ciências Biológicas com Habilitação em Matemática (2002) e pós-graduação em Educação Matemática (2007) na extinta FAFIJA (Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho/PR); conclui o mestrado profissional em Matemática pelo Programa de Formação de Professores de Matemática (PROFMAT) na UFSCar-SP, em 2013 e, em 2014 conclui o curso de graduação em Pedagogia pela Unimes/SP, na modalidade Ensino à Distância (EAD).

Trabalho como professor coordenador de núcleo pedagógico (PCNP) na Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos-SP, dando suporte pedagógico aos professores coordenadores e aos professores de Matemática de escolas estaduais da região. Dentre as 33 escolas nas quais atuo, uma delas me chamou a atenção em um dado momento: a Escola Estadual Orlando Quagliato, que funciona na Fazenda Santa Maria, na sede da Usina São Luiz, entre as cidades de Ourinhos e Santa Cruz do Rio Pardo, no Estado de São Paulo, nas proximidades da divisa com o Estado do Paraná. Esta é a única escola rural na região pertencente a essa Diretoria de Ensino[[2]](#footnote-2).

Por tanto tempo visitando esta escola, só me sensibilizei em percebê-la como potencial para uma pesquisa de doutorado, após minhas aproximações com o campo do Ensino de Ciências e Educação Matemática que se intensificaram a partir de 2015, quando procurei e fui acolhido pelo Grupo de História Oral e Educação Matemática (Ghoem) e comecei a participar de reuniões de estudos desse grupo e quando cursei, como aluno especial, a disciplina História da Educação Matemática no Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência da Unesp de Bauru.

**Justificativa**

Nossa proposta de pesquisa, que visa tecer compreensões sobre a educação rural no Estado de São Paulo, nas cercanias dos últimos 50 anos, a partir da escrita de uma história de uma escola rural específica (a Escola Estadual Orlando Quagliato), justifica-se tanto pela carência e pela relevância de estudos desta natureza no campo da História da Educação Matemática quanto por sua aproximação com quatro, dentre as oito, linhas de pesquisa do grupo de pesquisa Ghoem: i) Escolas Reunidas, Escolas Isoladas: Educação e Educação Matemática em Grupos Escolares; ii) História da Educação Matemática; iii) História Oral e Educação Matemática e iv) Projeto - Mapeamento da Formação e Atuação de Professores que ensinam/ensinaram Matemática no Brasil.

A escola que tematizaremos foi instalada em 1965, como grupo escolar, reunindo em um mesmo prédio várias escolas isoladas - escolas que, em geral, ofereciam as três primeiras séries do Ensino Primário, com salas multisseriadas e atendidas por um único professor, como destacado por Martins (2003). Seu prédio foi construído, dentro do complexo da usina São Luiz situada na Fazenda Santa Maria, distante 20 quilômetros da cidade de Ourinhos. Essa escola permanece em funcionamento até o presente momento, oferecendo, com variações ao longo desses 50 anos, diferentes níveis e modalidades de ensino como Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, inclusive na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). Atualmente atende aproximadamente 180 alunos (mas já chegou a ter aproximadamente 800).

**Figura 1: Foto do prédio da Escola Estadual Orlando Quagliato**

Fonte: arquivo pessoal do autor

Nesse cenário inicial de nossa pesquisa destacamos dois aspectos importantes e que certamente serão problematizados neste estudo: i) existência de grupos escolares em espaços rurais paulistas, uma vez que a literatura tem nos mostrado ser esse um modelo de escola predominantemente urbano e ii) a sobrevivência e resistência dessa escola rural, ao longo de mais de 50 anos, período no qual ocorreu uma drástica redução dessas escolas no Estado de São Paulo. A partir destes dois destaques, muitas questões têm surgido: outros grupos escolares foram criados em zona rural? Como e por que esse grupo escolar foi criado? Por que esta escola tem conseguido sobreviver em espaço rural, quando essas são tão raras nesse Estado? Houve iniciativa explícita do Estado para redução da quantidade dessas escolas? Quais tem sido as ações e políticas de governos do Estado de São Paulo em relação à educação voltadas a populações rurais? Esse Estado tem aderido às políticas nacionais atuais de formação de professores para o campo? Como é o cenário rural no qual está o complexo da usina de cana de açúcar? Quem tem sido os alunos e professores desta escola ao longo destes mais de 50 anos de existência? Particularmente, como professores de Matemática têm atuado e percebido este espaço?

Assim, ao constituirmos uma história desta escola, temos como objetivo tecer compreensões sobre a educação rural proporcionada no Estado de São Paulo nas cercanias dos últimos 50 anos. Assumiremos o referencial teórico-metodológico da História Oral para constituição de fontes para esta pesquisa, com a realização de entrevistas com pessoas que vêm vivenciando esta escola tanto como aluno, como professor (de matemática), como gestor e outros membros da comunidade escolar. Além disso, faremos consultas e sistematizações de informações presentes em documentos disponíveis nos acervos tanto da Diretoria de Ensino quanto da escola. Destacamos que a constituição destas fontes é nosso aporte metodológico, mas também um de nossos objetivos específicos, uma vez que intencionamos constituir estas fontes históricas.

Declarada essa intenção e essa perspectiva historiográfica da pesquisa, trazemos nossas compreensões em relação à História. Com Bloch (2001), Garnica e Souza (2012) e com o grupo de pesquisa Ghoem assumimos a perspectiva que a História é o estudo dos homens, vivendo em comunidade, no tempo. A História não é o estudo do passado e sim problematização de questões do presente a partir de vestígios do passado, atentos que devemos estar às mudanças e permanências relativas ao que estudamos – no nosso caso, a própria constituição da escola tema dar-se-á em um processo de estranhamento, do que permanece e muda o tempo todo na escola Orlando Quagliato. Afinal, o que é essa escola rural? O que é uma escola rural? O que é uma escola do campo? Para o campo? Do campo? Como estas diferentes nomenclaturas podem traduzir ou não diferentes intenções relativas à educação de pessoas vinculados ao mundo rural? Que território rural é este da usina? Como o espaço rural têm sido vivenciado ao longo destes 50 anos: como espaço de lutas, como um espaço bucólico? Como professores de Matemática têm sido formados e têm atuado nesses espaços?

Essa nossa pesquisa é mais uma dentre várias vinculadas à linha de pesquisa do Ghoem, Projeto - Mapeamento da Formação e Atuação de Professores que ensinam/ensinaram Matemática no Brasil, um projeto amplo que tem contribuído para que possamos ampliar e aprofundar compreensões do como vêm se dando, no Brasil, a formação e a atuação de professores (de Matemática ou que ensinam Matemática). De acordo com Gomes (2014), ao tratar de diferentes contribuições do grupo, escalas diferentes permitem uma mudança do nível de informação em função do nível de organização, e que não são opostas, pois obedecem uma noção de proporcionalidade. O território se modifica se modificarmos as lentes que o observam, a mudança de escala implica em aumento ou diminuição de detalhes que podem ser fundamentais para um determinado estudo. Enxergar o acontecido na escola, do ponto de vista de quem por ali passou, é tão importante quanto entender o movimento das pessoas que chegaram ou saíram da zona rural, ou que se movimentaram dentro dela levados por políticas públicas, movimentos sociais, processos econômicos e culturais. É nessa perspectiva que elaboramos esta proposta de pesquisa: tomar uma escola rural como ponto de partida, para podermos compreender, a partir das perspectivas daqueles que a vivenciaram ao longo desses 50 anos, como a educação rural ou para o campo tem sido proposta, oferecida, articulada e subvertida no Estado de São Paulo.

Não se trata, então, de buscar padrões segundo os quais um sistema de escolas rurais funcionava ou deveria funcionar, mas de reunir alguns elementos que podem ser tomados como disparadores de outras compreensões. /.../ Se, dizia Drummond, “de tudo resta um pouco”, da alteração de escalas – nesse caso, de algumas escolas campesinas ao sistema de ensino técnico agrícola paulista – nos ficam ingredientes que operam como descortinadores potenciais de situações nas quais o professor de matemática se vê envolvido. (GARNICA, 2013, p. 47-48).

**Objetivo geral**

Tecer compreensões sobre a educação rural no Estado de São Paulo nas cercanias dos últimos 50 anos, ao escrever uma história da Escola Estadual Orlando Quagliato.

**Objetivos específicos**

- Constituir narrativas com pessoas envolvidas com a Escola Estadual Orlando Quagliato;

- Sistematizar informações relativas à Escola Estadual Orlando Quagliato, disponíveis nos acervos tanto da Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos quanto nessa Escola.

- Sistematizar informação e tecer compreensões sobre políticas públicas relativas à educação rural em nível nacional, estadual e municipal, ao longo dos últimos 50 anos.

Revisão Bibliográfica

A partir de alguns estudos realizados no grupo de estudo do Ghoem e em disciplinas como aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Matemática, fui percebendo que eu havia idealizado o que seria uma escola rural: uma escola isolada, muitas vezes construída com madeira ou aproveitando alguma casa disponibilizada para tal finalidade; com salas multisseriadas nas quais o professor e alunos eram responsáveis pela manutenção da escola, como limpeza, alimentação ou organização física; às vezes construídas pela população que vivia ao redor, sem ajuda ou apoio das forças governantes; o que era ensinado nas escolas rurais era similar ao ensinado em escolas urbanas, com alguma ou nenhuma regionalização; o professor vinha dos centros urbanos e permanecia por pouco tempo – como afirmou Martins (2003), ao tratar de escolas rurais paulista da década de 1960, era uma escola de passagem, mas sem generalizá-las.

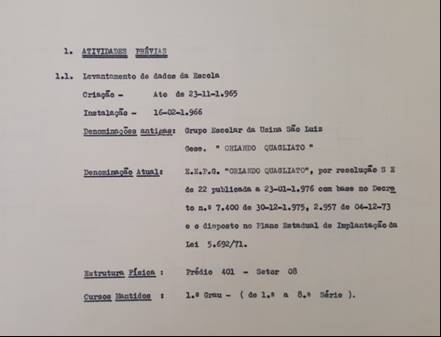
As escolas rurais são apresentadas com diferentes características, dependendo do local onde estavam instaladas e do apoio que recebiam da comunidade. Muitos prédios eram de madeira, constituídos por apenas uma sala, sem a existência (ou com existência precária) de sanitários, cozinha e pátio. /.../ Em alguns casos (ainda que configurando uma exceção) a zona rural chega a ter grupos escolares com um professor para cada turma, com presença de diretora, cozinha para preparo da merenda, pátio e sanitários. (GARNICA e MARTINS, 2006, p. 6).

Estas ideias iniciais que tive vão se alterando ao problematizar mais a escola que busco pesquisar e que sobrevive por mais de 50 anos no espaço rural. Começo a perceber a importância de estar sensível à permanências e mudanças dela ao longo deste período e que ela está imersa em outros movimentos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Assim, passo a estar atento ao homem do campo ora percebido como pobre, marginal, bastante retratado em novelas e na literatura, ora como dócil e romântico, ora como contestador (como não lembrar o emblemático Jeca Tatu e sua luta?). É preciso estar atento ao território rural ora percebido como um espaço de conflitos sociais (como não destacar os movimentos rurais, do líder seringueiro Chico Mendes assassinado em 1988 ou dos muitos trabalhadores rurais assassinados recentemente no Pará e no Mato Grosso e em tantos outros lugares[[3]](#footnote-3)?). E, ao mesmo tempo, sou atravessado por um outro rural atrelado ao poder econômico e político (como não se atentar às grandes propriedades, às negociações do governo atual com deputados da bancada ruralista ou com a campanha comercial “Agro: a Indústria-Riqueza do Brasil” veiculada pela Rede Globo de Televisão?). Vou constituindo então, uma nova ideia do que é o rural, do que é o campo no Brasil.

Assim, vou percebendo este espaço em sua dinâmica, seus conflitos, suas desigualdades acentuadas. E, buscando por possibilidades de sensibilização e inspiração para elaboração desta história a partir da Literatura (e acatando sugestões do professor Antonio Vicente Marafioti Garnica), mobilizo ideias do livro Orlando, de Virginia Woolf, publicado em 1928. Esta leitura, ainda em andamento, tem me ajudado a pensar modos de conduzir esta minha pesquisa que toma uma escola como mote para compreender o espaço rural paulista com suas propostas educacionais a partir dos anos 1960.

A partir de um primeiro contato com documentos escritos relativos a esta escola, destacamos que ela foi criada em 1965 como um grupo escolar, agrupando em único prédio escolas isoladas que funcionavam em diferentes colônias da fazenda ou fazendas de propriedade da família Quagliato. Este é um dado que, como já argumentamos, problematizaremos em nossa pesquisa, uma vez que os grupos escolares foram criados, inicialmente no Estado de São Paulo, a partir de 1890, pela necessidade de uma organização escolar no início da Nova República, constituindo um fenômeno urbano, que atingia a população. Segundo Saviani (2004), os grupos escolares constituíram-se escolas tipicamente urbanas, pois as escolas isoladas na zona rural ainda existiram por muitos anos. Possuíam turmas seriadas, classificando o aluno pelo nível de conhecimento, pressupondo a sistematização de conteúdos e do tempo. Tinha a característica também de um professor para cada turma, uma direção escolar, um prédio com várias salas. O tempo escolar passou a ser o tempo do calendário, com ensino primário em quatro anos, com avaliações e práticas escolares executadas ainda hoje, em nossas escolas. Assim nos indagamos se apenas este grupo foi instalado em zona rural no estado de São Paulo?

**Figura 2: Documento relativo à criação da escola**

Atividades prévias – levantamento de dados da escola em 1976:

- criação: 23/11/1965

- denominação: Grupo Escolar da Usina São Luiz “Orlando Quagliato”

Denominação 1976: EEPG Orlando Quagliato

Fonte: acervo da escola Transcrição da figura 2

Por muitos anos a população do campo foi esquecida e marginalizada pelas políticas públicas. No artigo apresentado por Daniela da Souza Rosa e Maria Raquel Caetano intitulado “Da educação rural à educação do campo: uma trajetória... Seus desafios e suas perspectivas”, publicado na Revista Científica Colóquio da Faculdades Integradas de Taquara-RS (ROSA, CAETANO, 2008), podemos constatar que, até às primeiras décadas do século XX, a educação era privilégio de poucos, principalmente no espaço rural, sendo que o Estado Brasileiro não mostrou empenho na implementação de um sistema educacional que viesse ao encontro das necessidades dos sujeitos do campo. O Estado, em suas formulações de diretrizes políticas e pedagógicas, nunca deixou regulamentado como a escola do campo deveria funcionar e se organizar; omitiu-se na dotação financeira que possibilitasse a institucionalização e a manutenção de uma escola de qualidade em todos os níveis de ensino, além de não implantar uma política efetiva de formação continuada e de valorização de carreira do professor do campo. Isso nos revela que o campo foi um espaço programado para atender as demandas de uma sociedade urbano-industrial e não um espaço para atender diretamente a população do campo e suas necessidades. Tal situação fez com que a população do campo fosse privada do acesso às políticas e serviços públicos em geral, o que contribuiu para o aceleramento do processo de êxodo rural. A partir dos anos de 1990, esse quadro começa a dar sinais de mudança, pois os movimentos sociais começam a pressionar de forma mais articulada a construção de políticas públicas para a população do campo. Com a implementação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, instituídas pela Resolução CNE/CEB nº. 1, de 3 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), a educação escolar no campo ganha no campo político e de direito um novo fôlego, uma nova configuração.

A implementação dessas diretrizes foi uma reivindicação histórica dos movimentos sociais do campo, e suas orientações referem-se às responsabilidades dos sistemas de ensino com o atendimento escolar sob a ótica do direito; implica respeito às diferenças e à política de igualdade, tratando a qualidade da educação escolar na perspectiva de inclusão. As Diretrizes resultam da luta pela educação de qualidade social para todos os povos que vivem no e do campo, com identidades diversas, tais como pequenos agricultores, sem-terra, povos da floresta, pescadores, ribeirinhos, quilombolas, extrativistas e assalariados rurais. (ROSA e CAETANO, 2008, p.2).

A partir dos anos 2000 percebemos iniciativas, de âmbito nacional, voltadas para a educação no campo (não mais tratada como educação rural). É parte de nossa pesquisa ampliar e aprofundar leituras a respeito desta temática, sendo que já tivemos acesso à referências específicas, como: Ghedini, 2017; Wanderer, 2016; Arroyo, Caldart e Molina, 2005; Barbosa, 2014; Melo, 2011.

**Metodologia**

Este projeto está ancorado nas narrativas constituídas por meio da História Oral como medotologia. A opção metodológica da História Oral sustenta tanto nossa intenção de produzir fontes históricas quanto possibilita novas questões a serem debatidas nessa área específica, como memória, passado, fonte/documento histórico e outros, possibilitando novos olhares sobre antigas questões (entrevista, relação entrevistado/entrevistador, possibilidades de análises, ética na pesquisa). (PRADO, 2015). Possibilita também, um novo olhar sobre o ocorrido, através do vivido pelo entrevistado, e/ou análise de fontes ou documentos a partir das experiências vividas no presente.

Considerar esta vertente – a da História Oral – implica, além da legitimação da coleta e análise de dados biográficos e narrativos enunciados por indivíduos particulares, a criação de uma identidade ao contarmos nossas próprias histórias e reconhecermos a nós mesmos nessas narrativas.

Ao longo deste trabalho, pretende-se realizar um levantamento bibliográfico e de legislações que abordam a educaçaço rural no Brasil, particularmente no Estado de São Paulo, além de identificação, sistematização e estudo sobre informações disponíveis em documentos que compõem tanto o acervo da Diretoria de Ensino de Ourinhos quanto o da Escola Estadual Orlando Quagliato.

Dentre nossos procedimentos realizaremos entrevistas com professores (de matemática), alunos, diretores e pessoas da comunidade envolvidas com a escola. Já iniciamos contatos com possíveis depoentes (colaboradores) que vêm vivenciando esta escola, para realizarmos entrevistas: já tivemos informações de nomes de pessoas que estudaram nesta escola e de professores e diretores que lá atuaram em diferentes períodos, além do senhor Rodolfo (colono da Fazenda Santa Maria), hoje com 99 anos de idade e que participou ativamente da construção do prédio desta escola. Ainda que em conversas informais, conseguimos informações que há, tanto no arquivo da Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos quanto no prédio da escola instalado na usina São Luiz, documentos relativos a esta escola. Além disso, já nos foi acenada a possibilidade de podermos consultar todos estes documentos.

A produção dos depoimentos é um dos passos iniciais para uma operação historiográfica, e uma operação historiográfica é um complexo que se inicia com a criação de fontes, estejam os materiais já disponibilizados ou não; é sempre um processo de criação. Os depoimentos gravados passarão por um processo inicial chamado transcrição, constituindo o primeiro registro escrito dos depoimentos orais, sendo o pesquisador o mais fiel possível aos diálogos entre pesquisador e pesquisado. Os depoimentos transcritos passarão pelo processo de textualização, sendo textos em coautoria entre o pesquisador e o entrevistado (ou de autoria do pesquisador com o consentimento do entrevistado). Aos colaboradores serão pedidas cartas de cessão (aprovação) para tornar público os registros (CURY, 2011).

Em relação às análises, como é peculiar em pesquisas qualitativas, ainda não temos um referencial específico, ainda que os debates e discussões do próprio Ghoem e de pesquisadores de diferentes áreas sobre análise de narrativas estejam em nossos horizontes.

**Cronograma**

A pesquisa terá duração de quatro anos, com etapas previstas conforme quadro a seguir:

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| CRONOGRAMA | | | | | | | | |
| Atividades | 1º ano | | 2º ano | | 3º ano | | 4º ano | |
| semestres | 1º | 2º | 1º | 2º | 1º | 2º | 1º | 2º |
| Revisão de literatura | X | X | X |  |  |  |  |  |
| Cursar disciplinas do Programa | X | X | X | X |  |  |  |  |
| Estudar e obter proficiência em Inglês | X | X | X | X |  |  |  |  |
| Participar de eventos científicos | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Participar das reuniões do Ghoem | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Levantamento bibliográfico e documental | X | X | X | X | X |  |  |  |
| Levantamento de nomes de depoentes |  | X | X | X | X |  |  |  |
| Realização/transcrição e textualização de entrevistas |  |  | X | X | X |  |  |  |
| Textualização das entrevistas |  |  | X | X | X |  |  |  |
| Análises |  |  |  | X | X | X | X |  |
| Redação do relatório e qualificação |  |  |  |  | X | X |  |  |
| Redação do relatório final e defesa |  |  |  |  |  | X | X | X |

**Referências**

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Orgs.). **Por uma educação do campo.** Petrópolis: Vozes, 2005.

BARBOSA, L. N. S. C. **Entendimentos a respeito da matemática na educação do campo**: questões sobre currículo. Tese (Doutorado em Educação Matemática). IGCE, Unesp, Rio Claro, 2014.

BLOCH, M. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB 1, DE 3 DE ABRIL DE 2002.** Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192>>. Acesso: 10 jul. 2017.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.** Brasília, MEC/SECAD, 2002.

CURY, F.G. **Uma história da formação de professores de Matemática e das instituições formadoras de estado de Tocantins.** Tese (Doutorado em Educação Matemática). IGCE, Unesp, Rio Claro, 2011.

GARNICA, A.V.M, SOUZA, L. A. **Elementos de História da Educação Matemática**. Editora Unesp, São Paulo, 2012.

GARNICA, A.V.M. Cartografias Contemporâneas: mapa e mapeamento como metáforas para a pesquisa sobre a formação de professores de Matemática. **Alexandria**, Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v.6, n.1, p. 35-60, abril 2013.

GARNICA, A. V. M.; MARTINS, M.E. Educação Matemática em escolas rurais do Oeste Paulista: um olhar histórico. ***Zetetike***, UNICAMP. Campinas, v. 14, n. 25, p. 29-64, 2006.

GHEDINI, C.M. **A produção da educação do campo no Brasil**: das referências históricas à institucionalização. Jundiaí: Paco Editorial: 2017.

GOMES, M.L.M. Formação e atuação de professores de matemática, testemunhos e mapas. **In:** GARNICA, A.V.M (Org.). **Cartografias Contemporâneas:** mapeando a formação de professores de matemática no Brasil. Curitiba: Appris, 2014.

MARTINS, M.E. **Resgate histórico da formação e atuação de professores de escolas rurais da região de Bauru (SP).** 2003. 260f. Relatório (Iniciação Científica). Fapesp/Departamento de Matemática, Unesp, Bauru, 2003.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas Técnicas Agrícolas e Educação Matemática**: história, práticas e Marginalidade. 2007. 265f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – IGCE, Unesp, Rio Claro, 2007.

MARTINS-SALANDIM, M.E. **A interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo:** um exame da década de 1960. Tese (Doutorado em Educação Matemática). IGCE, Unesp, Rio Claro, 2012.

MELO, S.N. **Educação no Campo e Educação Rural: distinção necessária para compreensão da realidade geográfica.** Trabalho de Conclusão de Curso - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Unesp, Rio Claro, 2011.

PRADO, R.C. Professores de Matemática das Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo:uma história de formação e atuação**. Anais** do XlX EBRAPEM, 2015.

ROSA, D.S.; CAETANO, M.R. Da educação rural à educação do campo: uma trajetória... Colóquio – **Revista Científica da FACCAT.** Taquara. Vol. 6, No (1-2), (jan/dez 2008).

SAVIANI, D. O legado educacional do “Longo Século XX” brasileiro. In: SAVIANI, D.; ALMEIDA, J. S. de; SOUZA, R. F. de; VALDERMARIN, V. T. (Orgs). **O legado Educacional do século XX no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

WANDERER, F. Educação Matemática em escolas multisseriadas do campo. **Acta Scientiae**, Canoas, v.18, n.2, p.335-351. maio/ago 2016.

1. Universidade Estadual Paulista – Unesp – Bauru – SP. e-mail: reinaldotrovao@gmail.com, orientador: Dra. Maria Edneia Martins Salandim. [↑](#footnote-ref-1)
2. Não consideraremos aqui as escolas técnicas agrícolas, por serem uma modalidade de ensino específico e também por atenderem a um público mais restrito. Sobre isso ver Martins-Salandim (2007). [↑](#footnote-ref-2)
3. http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-05/chacina-no-para-deixa-10-trabalhadores-rurais-mortos [↑](#footnote-ref-3)